

QUINTA-FEIRA • 19 DE NOVEMBRO DE 2015

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30862
de 19 de Novembro de 2015, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

REPORTAGEM

ENSINAR A APRENDER

TANTAS MANEIRAS DE VER E DE VIVER

— P. 4-5 —

O NOSSO CANTO DE PAZ NÃO É O *IMAGINE* DE JOHN LENNON



PAULO TERROSO

PADRE

Na sexta-feira santa do ano 2003, o padre Raniero Cantalamessa, pregador da Casa Pontifícia, na basílica de S. Pedro e diante de S. João Paulo II, iniciou a pregação com a letra da canção *Imagine* de John Lennon:

“Imagina que não há paraíso/ não é difícil se tentares / nenhum inferno debaixo de nós / acima de nós só o céu / Imagina toda a gente / a viver o presente / imagina que não há países. / Não é difícil, verás. / Nenhum motivo para matar ou morrer / e nenhuma religião também (...)”.

Na altura, o inaudito exórdio não passou despercebido à comunicação social e causou furor.

A música, uma das 100 mais tocadas no séc. XX, é considerada como uma

espécie de manifesto pacifista. Ainda este sábado passado, um dia depois dos famigerados atentados em Paris, o pianista alemão David Martello tocou esta mesma música junto à sala de espetáculos parisiense Bataclan, onde 89 pessoas perderam a vida. No mesmo dia, num concerto em Los Angeles (EUA), a banda de rock britânica “Coldplay” homenageou as vítimas com o “hino da paz” do ex-beatle.

Doze anos depois, a análise do padre Cantalamessa à letra da música e a meditação no seu todo revestem-se de uma actualidade profética, tendo em conta a ameaça terrorista que paira sobre a Europa, e merecem um releitura atenta. Por exemplo, ele questiona-se sobre a necessidade imaginar “qualquer coisa que já tivemos no passado” e cujo saldo resultou em milhões de vidas ceifadas. Um mundo sem paraíso, sem inferno, sem religião, sem pátria, sem propriedade, onde se ensina a viver para terra, não era essa, afinal, a sociedade que se tinham proposto realizar os regimes totalitários comunistas? “O sonho, diz o franciscano, não é novo, mas o acordar dele não foi alegre...”. Mas, a proposta de Lennon já na altura (1971)

tinha pouco de original. Cantalamessa recorda as palavras de Sarte, figura de proa do existencialismo ateu, “se Deus existe o homem é nada. Deus não existe! Felicidade, lágrimas de alegria! Não mais céu! Não mais inferno! Mais



nada que terra. Pena é que mais tarde, Sarte, na peça teatral *Entre quatro paredes (Huis clos)*, conclui que o inferno são os Outros. “Por esta via, o inferno não é abolido; foi só

transferido para a terra”, concluiu o pregador.

Qual é, então, a via cristã para a paz? O padre Raniero propõe uma outra “canção” que nos aparece na Carta de S. Paulo aos Efésios (*Ef 2, 14-18*): “Ele [Jesus] é a nossa paz, Ele que, dos dois povos, fez um só e destruiu o muro de separação, a inimizade: na sua carne, anulou a lei, que contém os mandamentos em forma de prescrições, para, a partir do judeu e do pagão, criar em si próprio um só homem novo, fazendo a paz, e para os reconciliar com Deus, num só Corpo, por meio da cruz, matando assim a inimizade. E, na sua vinda, anunciou a paz a vós que estáveis longe e paz àqueles que estavam perto. Porque, é por Ele que uns e outros, num só Espírito, temos acesso ao Pai”.

Também aqui o mundo é-nos oferecido um mundo de paz, “num só Corpo”, mas o caminho é todo um Outro. É que Jesus constrói a paz destruindo em si a inimizade e não o inimigo. Precisamos sim de declarações de guerra e de guerras santas, mas só se forem para destruir a inimizade, não os outros. E isto, como sustenta Cantalamessa, “não faz sentido só no âmbito da fé; vale também no âmbito político, para a sociedade”.



PAPA FRANCISCO @pontifex_pt

15 Novembro 2015

É com alegria que rezo hoje, em Roma, com os irmãos Luteranos. Deus abençoe quantos trabalham em prol do diálogo e da unidade dos cristãos.

12 Novembro 2015

Todos nós, cristãos, somos chamados a imitar o Bom Pastor e cuidar das famílias feridas.

D. JORGE ORTIGA @djorgeortiga

14 Novembro 2015

A minha solidariedade e oração pelos falecidos, feridos e suas famílias vítimas dos atentados de Paris. Rezemos pela paz.



FUNDAÇÃO AIS CONVOCA JORNADA DE ORAÇÃO PELA PAZ

A Fundação AIS decidiu convocar, a nível internacional, uma grande jornada de oração em favor da paz para o próximo Domingo, dia 22 de Novembro. No pensamento e nas orações de todos estará também o desejo de sucesso para a visita do Papa Francisco ao Quênia, Uganda e República Centro-Africana, que irá decorrer de 22 a 28 de Novembro. A jornada de oração pela paz no mundo irá ocorrer no Santuário do Cristo-Rei, em Almada, pelas 16h30, com a recitação do rosário e celebração da eucaristia.



CONGRESSO DEBATE EDUCAÇÃO DE “HOJE E AMANHÃ” EM ROMA

Os responsáveis pela Escola Católica estão reunidos desde ontem, em Roma, para reflectir sobre “Educar Hoje e Amanhã. Uma paixão que se renova”. O Congresso, que termina dia 21, celebra os 50 anos da Declaração “Gravissimum Educationis” e os 25 da Constituição Apostólica “Ex Corde Ecclesiae” e pretende “relançar o compromisso da Igreja no âmbito da educação”. D. António Moiteiro e D. António Francisco dos Santos representam a Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé.



PAPA FRANCISCO VISITA SINAGOGA DE ROMA EM JANEIRO DE 2016

O Papa Francisco aceitou o convite do rabino-chefe e da comunidade judaica na capital italiana e irá visitar a Sinagoga de Roma a 17 de Janeiro de 2016, anunciou o Vaticano. “Trata-se da terceira visita de um Papa ao templo maior da capital italiana após as de São João Paulo II e de Bento XVI”, recordou a Santa Sé. De acordo com o Vaticano, a visita conta com um “encontro pessoal do Papa com os representantes do judaísmo e os membros da comunidade”.

ÉGLISE ST. IGNACE



PEDRO CASTRO CRUZ

ARQUITECTO

Em 1924, Le Corbusier encontra “premissas significativas” num convento desamortizado no 35 Rue de Sèvres, Paris, decidindo para lá mudar o seu atelier – no qual permaneceria até à sua morte em ’65. A instalação do “Atelier 35S” numa ala da estrutura conventual, num lugar de origem religiosa, tem um sentido premonitor: à sombra de Santo

e carregam a penumbra mística. Poderiam ser cinzas de um incêndio que parou no tempo este edifício. Por contraste, ao nível inferior do chão e capelas laterais, há muita vida – nas pinturas murais com cenas da vida do santo e na renovação do arredo litúrgico, que abandona a disposição de cruz latina e traz o altar para o centro da assembleia.

Há muita vida também no ritmo litúrgico da eucaristia dominical das 19h, *La Messe qui prend son temps* (www.lamt.fr), na qual, sem pressa, a liturgia da Palavra é distendida: as leituras são primeiro lidas e comentadas e só depois proclamadas, seguidas de 20 minutos de oração individual e 5 minutos de partilha espontânea em pequenos grupos. Na liturgia eucarística, toda a assembleia rodeia, de pé, o altar. Estes movimentos que reposicionam no espaço os membros da comunidade permitem criar corpo e aproximar os membros, que se olham face-a-face. A missa demorada ajuda a entrar em maior intimidade com o Senhor e a melhor avaliar a semana que passou e posicionar a semana que se segue. Tudo leva o seu tempo. E recordo que aqui bem ao lado instalara



Inácio uma “nova ordem” é criada, em vias de professar o credo corbusiano.

A estrutura conventual, fundada em 1821 pela Companhia de Jesus para albergar um Colégio, sofreu grandes alterações urbanas, sendo abarcada por todo um quarteirão, ao ponto de a própria Igreja de Santo Inácio não apresentar fachada para a rua, mas ser anunciada apenas no passeio por uma placa, numa banal passagem entre lojas, na qual se lê “Église St. Ignace”. Por volta de 1980 o convento foi demolido para dar lugar ao *Centre Sèvres* – pólo das faculdades jesuítas em Paris. O parcelamento permanece na implantação do edificado e no vazio do claustro. Do atelier nada mais subsiste.

No interior da igreja não ficamos porém alheios a esta intriga. Parece haver uma evocação de perda no sujo esfumado da pedra das paredes altas e abóbadas superiores, que escurecem o ambiente

Le Corbusier o dito *l'Atelier de la recherche patiente*.

Evoco por fim a influência que a experiência conventual teve sobre o próprio Le Corbusier. A experiência da espacialidade exígua das celas conventuais foi adquirida em viagem e vivida nas estadas prolongadas, demoradas, nos mosteiros do Monte Athos (Grécia) e na Certosa d’Ema à Galluzzo (Itália) ou, mais tarde, no mosteiro cisterciense de Le Thoronet (França), a par desta contínua ocupação da ala conventual do 35S. Tal experiência espacial estará na génese dos princípios de transformação urbana que o arquitecto proclama. Na verdade, os módulos habitacionais das *unité d’habitation* têm implícitas as celas monásticas que o marcaram e é a compressão espacial que, compensando em densidade, permite o fundamento moderno de libertação do solo urbano.

ÁGUA BENTA (SEM PRESUNÇÃO)

JORGE VILAÇA

PADRE | COORDENADOR DA PASTORAL DA SAÚDE

O que é um ritual? - perguntou o príncipezinho.

– É uma coisa também muito esquecida - disse a raposa.

É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias;

uma hora, das outras horas.

A. Saint-Exupéry

1. Benzer significa etimologicamente bem-dizer, dizer bem, desejar bem. Há um ritual da Igreja Católica chamado “das bênçãos”, do dizer bem. Nele encontramos as orações de bênção (em teologia chamados sacramentais) para as mais diversas circunstâncias: objectos de piedade ou de trabalho, casas, alianças, carros, mães antes e depois de darem à luz, doentes e idosos, crianças ainda não baptizadas, esposos e noivos, campos de futebol, casas, animais e colheitas, alimentos... Um grande número de bênçãos que pretende integrar todas as pessoas, coisas e actividades humanas num grande coro de Deus. Um livro que prevê uma grande variedade de orações que podem ser feitas quer por um clérigo, quer por um leigo – homem ou mulher devidamente preparado(a) – com pequenas alterações para uns e outros. Um livro de capa rija, talvez o mais preservado nas estantes das sacristias.

2. Recordam os mais antigos a prática de pedir a bênção ao pai e à mãe, sobretudo antes de deitar? “Sua bênção, meu pai. Sua bênção, minha mãe”. A resposta surgia: “O Senhor te abençoe, meu filho(a)”. Essa prática de outrora é ainda hoje recomendada pela Igreja e inscrita de certa forma neste ritual. Note-se: os pais podem abençoar os filhos. E por que não o fariam? É curioso que hoje se difunda civilmente o uso de incenso, água com propriedades especiais, defumadouros, imposição de mãos... e este “ritual” cristão tão rico em simbolismos e orações continue fechado à maioria dos fiéis e, sobretudo, ignorado na prática corrente do catolicismo. Lá diz o provérbio: “casa de ferreiro, espeto de pau.”

3. “Importa-se de me arranjar água benta para ter em casa?” Este é um

pedido que algumas pessoas fazem aos padres. Razões: considerarem que lhes faz falta e que as ajudaria física, psicológica e espiritualmente. E hoje não é fácil aceder a tal “bem”. É certo que há quem utilize abusivamente tal água em práticas supersticiosas. Mas é igualmente verdade que se usam muitos outros objectos religiosos para práticas ocultistas, desde crucifixos a estolas (tiras de pano reservadas aos sacerdotes em funções litúrgicas). Por isso, assumamos: não é justo presumir que a utilização da água benta vá ser errada. O contrário talvez possamos presumir. Dizemos que “presunção e água benta cada um toma a que quer”. A segunda está a ser mais difícil que a primeira (até a gripe das aves ajudou a secar as pias das igrejas).

4. Oscilamos frequentemente entre extremos nos mais diversos campos: ausência de identidade e nacionalismo exagerado; beatice e racionalismo prático; tecnicismo e magicismo; preguiça e activismo... Creio valer a pena recuperar o equilíbrio no que respeita ao simbolismo da água benta e das bênçãos em geral. Para isso, recordemos:

a) A bênção da água é feita, preferencialmente, ao Domingo na Missa, pelas mãos de um sacerdote ou diácono. Em circunstâncias particulares pode ser feita noutra ocasião.

b) A bênção (qualquer que seja) é antecedida da escuta da Palavra de Deus (Bíblia) e sempre traduz a presença de toda a comunidade cristã.

c) A água benta serve para recordar Cristo e o sacramento do Baptismo. Por isso, sempre que formos aspergidos



com esta água ou nos benzermos com ela ao entrar na igreja ou dentro das nossas casas, damos graças a Deus e imploramos o seu auxílio para que na nossa vida sejamos fiéis aos sacramentos que pela fé recebemos.

d) Por que não fazer uso dos sinais da nossa fé em nossa casa? Por presunção?

5. Não deixemos que nos roubem a identidade cristã. Sem presunção, a sua bênção, irmão e irmã!

É uma casa de construção antiga, toda recuperada. Quem a vir da rua poderá imaginar uma casa senhorial, hoje habitada por uma família abastada. Quem entra vê um jardim, um cão chamado Pirata e um estendal com roupa a secar. Vê crianças espalhadas pela casa, por todas as divisões. Sobem e descem as escadas de madeira do edifício alto com toda a liberdade. Misturam-se com legos, jogos, almofadas, sofás, pianos, baterias, saxofones e professores. É uma casa que é uma escola. O método de ensino utilizado é próximo do doméstico, mais individualizado. Cada turma tem, no máximo, 10 a 12 alunos. Conhecem-se “de ginjeira” uns aos outros, garante o professor Rui Pereira. Inês – ou Branca de Neve, como é conhecida – explica que esta é uma escola “diferente” das outras.

MAIS DO QUE “MINISTRAR CONTEÚDOS”

Por entre as salas que se vão percorrendo, encontra-se uma com um grupo de alunos frente a um professor. É a aula de História do professor Rui. Na sala, existe uma lareira, mesas e cadeiras de diferentes formas e tamanhos. Existem almofadas onde se sentam, ou mesmo deitam, alguns dos alunos. O conforto experimentado e o à vontade com que se posicionam não os impede de prestarem atenção ao professor. Muito pelo contrário. O convite à participação e à reflexão são uma constante. Fala-se sobre escravatura. “O que é a escravatura?”, questiona o professor. “A escravatura é um conjunto de pessoas que...”, lança um aluno, rapidamente interrompido pelo professor: “A escravatura não é um conjunto de pessoas, isso seria se estivesse a pedir a definição de escravos. Vamos ser precisos”. E assim prossegue a construção conjunta da definição. Rui Pereira acredita que mais do que “ministrar conteúdos” às crianças, a principal função do ensino básico é “ensinar crianças a aprender”. Faz parte dos Gambozinhos há quase 30 anos. É membro da direcção e, para além de História, lecciona Filosofia e Xadrez. Nas suas aulas procura contrariar o “fechamento erróneo do ensino básico sobre os conteúdos” que, na sua óptica, tem vindo a acontecer. Considera fundamental trabalhar com os alunos a maneira de se chegar a uma definição, a compreensão dos processos históricos, e a forma como a História se reflecte no presente. “Qual é o

propósito de empinar nomes de reis?”, questiona. Para Suzana Ralha, professora de Música e elemento da direcção, a forma como conduzem as aulas nos Gambozinhos tem como objectivo fazer com que as crianças “ao percorrerem o processo de apropriação de um conteúdo” consigam adquirir capacidades que lhes sejam úteis “para outros conteúdos, para outras situações”. E, remata: “O que nós tentamos é que os conteúdos lectivos sirvam as crianças e não sejam as crianças a servirem os conteúdos lectivos”.

APRENDER COM A ARTE

“Sei fazer uma limonada, deixo a cozinha arrumada. (...) Gosto sempre de provar, para aprender a gostar”, cantarola Suzana Ralha, na aula de música com os alunos do pré-escolar. As crianças, sentadas no soalho de madeira, vão ouvindo atentas e repetindo estrofe a estrofe. “E como se faz uma limonada?”, pergunta a professora. Entre o alho-francês e os brócolos que a música traz à conversa, Suzana dá lições de culinária. “E o alho-francês é um legume? E será que se descasca?”. As crianças não desiludem nas respostas. Aqui aprende-se de tudo. Os Gambozinhos são uma associação de educação pela arte com mais de 40 anos, sediada no Porto. Numa fase inicial, trabalhava com os alunos exclusivamente após o horário escolar. Há 14 anos começou também com a “escolinha”, um grupo de crianças que substituem o jardim de infância, o primeiro ou segundo ciclo de estudos pela actividade nos Gambozinhos. A “escolinha” herdou as estratégias de ensino e actividades artísticas dos Gambozinhos, acrescentando-lhes os currículos escolares. A associação manteve, porém, a sua oferta lectiva extra-escola. Professores e directores são adeptos de uma “não-hierarquização dos saberes e das práticas” e, por isso, explica Suzana, na formação dos alunos incluem “actividades de expressão, actividades artísticas e actividades ligadas ao pensamento, ao raciocínio”. Aqui, para além dos planos curriculares oficiais, os “gambozinhos” têm aulas de Xadrez, Filosofia, Música, expressão plástica, dança criativa, *ballet*, karaté e teatro. Todos os alunos frequentam as aulas de dança da professora Patrícia Almeida. O contacto com a dança e com outras oficinas ligadas à arte faz com que, na opinião de Patrícia, os alunos sejam mais próximos,



mais expressivos e afectuosos. Para a professora, a perspectiva artística traz mais uma vantagem: “Olhamos para o mundo de outra forma, somos capazes de observar com outro entendimento e com outra profundidade”. Esta ideia é corroborada pela professora do Instituto de Educação da Universidade do Minho Carla Antunes. Especialista na área da educação artística, afirma que as

actividades artísticas estimulam “a criatividade, a imaginação, a capacidade de iniciativa, o espírito crítico e a autonomia”, contribuindo para “o desenvolvimento cognitivo, afectivo e emocional”. Para além disso, diz, “são tão importantes para a resolução de problemas quanto as competências tecnológicas e científicas”. Por isso, defende: “O professor não deve negligenciar a abordagem das áreas



da educação artística no seu dia-a-dia escolar”.

PARA LÁ DAS QUATRO PAREDES

A escola divide-se por quatro edifícios ao longo da mesma rua. Enquanto passam de um edifício para o outro, a fila indiana pelo passeio não se quebra por um segundo. Já estão habituados, fazem-no diariamente. À medida que passam, cumprimentam quem

encontram na rua. “Olá Suzana!”, repetem, um por um, quando se cruzam com a professora sentada na esplanada do café. “Isto tudo faz parte da educação cívica”, relata Suzana. É-lhes ensinado, desde pequenos, como devem andar na rua, o “falar baixo para não incomodarem as outras pessoas”, o “cumprimentarem os vizinhos”, e o responsabilizarem-se pelas suas coisas quando mudam de edifício. A professora garante: “Os mais crescidos já parecem uns adultos”. “Dançar, pensar, escrever, identificar um problema e resolvê-lo, comer, andar na rua, cuidar do espaço que nos cerca, cuidar dos outros, são prioridades que nós achamos que são fundamentais quando se está a crescer”, esclarece Suzana. Por isso, saem muito com as crianças. Utilizam os transportes públicos, usufruem dos parques e jardins da cidade, dão-lhes a conhecer as instituições e os equipamentos culturais. “As crianças apropriam-se muito daquilo que é ser habitante de uma cidade como o Porto, quais são as suas características, e parecem-nos que tudo isto é estudo do meio”, explica.

Para Carla Antunes, “a escola não deve ser apenas um lugar de aprendizagem, num sentido estritamente cognitivo”, tendo a responsabilidade de ir mais além pela participação social dos alunos. “Deve ser trabalhada a inserção da escola no meio envolvente, explorando e integrando esse meio como conteúdo curricular”, salienta a especialista.

“ESCOLA DIFERENTE”, PRÁTICAS DIFERENTES

Chegada a hora de almoço, os alunos mais crescidos vão à cozinha buscar o prato com comida. Sentam-se livremente numa das mesas do quintal. A maioria já vai na fruta, mas o prato de Sara custa a esvaziar. Enquanto remexe o “cuscuz com legumes”, Borboleta, nome com que foi “baptizada” nos Gambozinos, afirma, convicta: “Nunca na vida irei ser vegetariana”. “Aqui na escola, duas vezes por semana é vegetariano, duas vezes peixe e uma vez carne”, conta. Branca de Neve e Joaquina fazem companhia à amiga e conversam sobre a escola. Gostam de Filosofia. “Discutimos coisas. Obriga-nos a puxar pela cabeça”, esclarece Sara. As amigas, de 8 e 9 anos, explicam que já abordaram o que é a Filosofia, a crítica, a ofensa, a opinião, o abstracto e o concreto. Já o prato

de Sara está quase limpo quando o barulho das crianças que brincam no quintal cessa repentinamente. Não foram precisas campanhas nem mensagens dos professores. São 13h30 e todos sabem o que isso significa. “É a hora do eremita”, sussurra uma das amigas. “Durante a hora do eremita nós escolhemos um sítio da casa, vamos para lá, lemos, tocamos o nosso instrumento, jogamos jogos, fazemos o que quisermos, mas não podemos falar com ninguém”, desvenda Sara. Joaquina não hesita em dizer: “Eu adoro!”. Inês concorda, e esclarece porquê: “Eu gosto muito de ler, e é o único momento em que nós podemos ler sem haver pessoas a falarem e a interromperem”. Percorrer os corredores da casa torna-se uma tarefa difícil. Há crianças sentadas e deitadas a brincar, a ler, a fazer um desenho ou a estudar. A professora de matemática faz-lhes companhia, sentada no corredor em embrenhada leitura. Em cada mês escolhem um sítio para passar essa hora. Sara escolheu a “sala dos segredos”: descalça-se e deita-se no sofá a ler um livro. No chão da mesma sala, dois colegas disputam, em silêncio, uma partida de xadrez. A professora Suzana destaca a importância desta hora: “É fundamental eles aprenderem a estar sós com eles próprios”.

“TANTAS MANEIRAS DE VER E DE VIVER”

Sara, Inês e Joana estão preocupadas com a saída dos Gambozinos. Vão ter que ir para uma escola com “muita gente”. “Vai ser complicado”, desabafa Sara, com um sorriso amedrontado. Suzana Ralha não se inquieta com a saída dos alunos para o ensino oficial. “Têm boas bases, e isso é um conforto”, afirma. Crê que no geral são “crianças críticas, que têm uma opinião e gostam de a exprimir”, o que considera extremamente positivo, já que o lema dos Gambozinos é, precisamente, “Tantas maneiras de ver e de viver”. Ao professor Rui, tranquiliza-o a ideia de os alunos não se adaptarem facilmente à escola oficial, “não propriamente à escola em si”, esclarece, mas sim à “estranheza dos métodos”, “à pobreza dos conteúdos” e às dificuldades que os professores que trabalham no público têm “pela degradação de condições”. No fundo, refere: “Espero que a salsicha ofereça resistência à fábrica de salsichas”.



“ERGUEI-VOS E LEVANTAI A CABEÇA”

I DOMINGO
ADVENTO

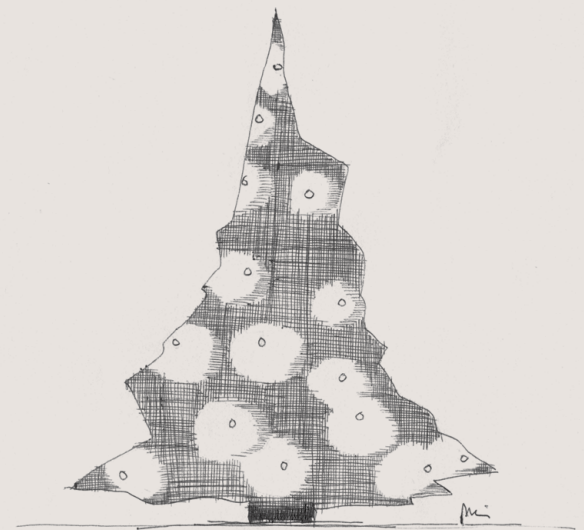


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** O Senhor virá, F. Silva (Igreja Canta, p. 94; NRMS 7-II)
- **COMUNHÃO:** Eu estou à porta e chamo, (Igreja Canta, p. 78; NRMS 22)
- **FINAL:** Avé, Senhora do Advento, Az. Oliveira (Igreja Canta, p. 69; NRMS 95-96)

EUCOLOGIA

Orações próprias da Missa do Domingo I do Advento (Missal Romano, p. 103).
Oração Eucarística III (Missal Romano, p. 529) com prefácio do Advento I (Missal Romano, p. 453).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Jer 33, 14-16

Leitura do Livro de Jeremias

Eis o que diz o Senhor: “Dias virão, em que cumprirei a promessa que fiz à casa de Israel e à casa de Judá: Naqueles dias, naquele tempo, farei germinar para David um rebento de justiça que exercerá o direito e a justiça na terra. Naqueles dias, o reino de Judá será salvo e Jerusalém viverá em segurança. Este é o nome que chamarão à cidade: «O Senhor é a nossa justiça»”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 24 (25)

Refrão: Para Vós, Senhor, elevo a minha alma.

LEITURA II 1 Tes 3, 12 – 4, 2

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses

Irmãos: O Senhor vos faça crescer e abundar na caridade uns para com os outros e para com todos, tal como nós a temos tido para convosco. O Senhor confirme os vossos corações numa santidade irrepreensível, diante de Deus, nosso Pai, no dia da vinda de Jesus, nosso Senhor, com todos os santos. Finalmente, irmãos, eis o que vos pedimos e recomendamos no Senhor Jesus: recebestes de nós instruções sobre o modo como deveis proceder para agradar a Deus e assim estais procedendo; mas deveis progredir ainda mais. Conheceis bem as normas que vos demos da parte do Senhor Jesus.

EVANGELHO Lc 21, 25-28.34-36

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Haverá sinais no sol, na lua

e nas estrelas e, na terra, angústia entre as nações, aterradas com o rugido e a agitação do mar. Os homens morrerão de pavor, na expectativa do que vai suceder ao universo, pois as forças celestes serão abaladas. Então, hão-de ver o Filho do homem vir numa nuvem, com grande poder e glória. Quando estas coisas começarem a acontecer, erguei-vos e levantai a cabeça, porque a vossa libertação está próxima. Tende cuidado convosco, não suceda que os vossos corações se tornem pesados pela intemperança, a embriaguez e as preocupações da vida, e esse dia não vos surpreenda subitamente como uma armadilha, pois ele atingirá todos os que habitam a face da terra. Portanto, vigiai e orai em todo o tempo, para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer e comparecer diante do Filho do homem”.



ANO C — 2015

PRIMEIRO DOMINGO DE ADVENTO

FAREI GERMINAR PARA DAVID UM REBENTO

www.laboratoriodefede.net

ITINERÁRIO SIMBÓLICO

TEMA: “Reconhecer Deus nas situações reais do dia-a-dia”.

CONCRETIZAÇÃO: Iniciamos novo percurso em Jesus e com Jesus, movidos pelo Seu Espírito e rumo à descoberta do Rosto amoroso do Pai. Neste começo novo, os sinais abundantes da criação, desde o sol, a lua, as estrelas, fazem-nos elevar o coração e a mente ao nosso Deus que tudo criou e de tudo faz sinal revelador da Sua presença. Por isso, propomos que neste primeiro Domingo do Advento, se prepare uma árvore ou arbusto com várias luzes acesas.

MISSÃO

Nesta semana, poderemos preparar também em casa a árvore iluminada e rezar em família a oração das criaturas de S. Francisco de Assis em sintonia com o Papa Francisco e a sua reflexão partilhada na Carta Encíclica “Laudato si”.

REFLEXÃO

Tempo de Advento: a palavra de Deus, no início deste ano litúrgico (Ano C), prepara os nossos corações para a vinda de Jesus Cristo. O primeiro Domingo de Advento marca o início de um itinerário: não é apenas para celebrar o nascimento de um bebé, num presépio; também não é para nos meter medo com um final do mundo cheio de sinais extraordinários (evangelho). É para estar vigilantes. Esta é a mais bela atitude dos cristãos, a atitude de quem ama o seu Senhor e vigia enquanto aguarda o seu regresso. Para que nos encontre a progredir na santidade (segunda leitura), nos caminhos de Deus (salmo). Outrora, o primeiro Natal foi um sinal para Israel (primeira leitura). Hoje, a nossa esperança confirma a concretização da promessa.

“Farei germinar para David um rebento”

Com a chegada do Advento, a Liturgia da Palavra faz-nos tomar consciência de que a graça de Deus torna-se presente para nos oferecer novas oportunidades de libertação e de plenitude: Deus dispõe-se sempre a fazer coisas novas, a tomar novas iniciativas na vida das mulheres e dos homens de cada tempo. Num momento de grande comoção na história do povo bíblico, a Cidade Santa de Jerusalém foi destruída pelos babilónicos e a população foi deportada; ruiu a dinastia de David. Então, o profeta Jeremias, em nome de Deus, anuncia que as coisas vão mudar: “Dias virão, em que cumprirei a promessa que fiz... farei germinar para David um rebento... o reino de Judá será salvo e Jerusalém viverá em segurança”.

A notícia jubilosa consiste em fazer reviver a casa de David. A imagem é de uma árvore da qual, inesperadamente, brotará um rebento. E esse rebento será o cumprimento da promessa: fazer reviver a casa de David que tinha sido extinta pela força das armas poderosas do império da Babilónia. Esta imagem leva-nos a contemplar uma vida que brota de forma inesperada, após a queda da árvore. À chegada deste novo membro da família de David, o país “será salvo” e a cidade “viverá em segurança”. A obra deste novo rei será fruto da acção do próprio Deus de Israel, por isso receberá este nome: “O Senhor é a nossa justiça”. O Advento traz alegria ao coração das pessoas fiéis porque é o tempo que, de forma especial, torna presente a vinda do Filho de Deus. O amor de Deus encontra o cumprimento desejado na salvação das pessoas, na sua presença na vida do povo. O tempo de dor e de desgraça acaba quando se concretiza na história o anúncio profético: “Farei germinar para David um rebento”. De facto, o Advento é sempre caracterizado pela espera e pela esperança. Deus continua a vir até nós; e fá-lo sempre, como sublinha o papa Francisco, em chave de misericórdia. Vivemos momentos difíceis?! Mas sabemos que continuamos nas mãos de Deus misericordioso que se fez um de nós para nos perdoar e salvar. A misericórdia é uma boa atitude para alimentar a nossa pequena esperança, “essa menina, que arrasta tudo consigo” — como bem dizia o escritor francês Charles Péguy. “É ela que faz andar o mundo inteiro”. Não renunciemos à esperança!

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Durante o momento de preparação penitencial, sugere-se a fórmula C (*Missal Romano*, pp. 443 e 444), com os seguintes tropos:

- V/** Senhor que viestes salvar os corações feridos, tende misericórdia!
- R/** Senhor, misericórdia!
- V/** Cristo, que não quereis que os nossos corações se tornem pesados pela intemperança e pelas preocupações da vida, tende misericórdia!
- R/** Cristo, misericórdia!
- V/** Senhor, que vireis até nós com grande poder e glória, tende misericórdia!
- R/** Senhor, misericórdia!

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãos e irmãs: nós, que aguardamos a vinda de Cristo, imploremos, para a Igreja e para o mundo, os dons que só o Pai lhes pode dar, dizendo (ou cantando), humildemente:

R. Cristo ouvi-nos, Cristo atendei-nos.

1. Pelos bispos, sacerdotes e diáconos que procuram guardar fidelidade irrepreensível e levam os fiéis a progredir na santidade, oremos.
2. Pela nossa Arquidiocese que procura viver este ano missionário aberta aos caminhos que o Evangelho a todos propõe, oremos.
3. Pelos que, pela dor e desilusão, já não esperam nada nem ninguém e sentem dificuldade em acreditar nas promessas do Senhor, oremos.
4. Pelos que vivem na indiferença para com Deus e pelos que se deixaram envolver pela correria da vida, não cultivando a esperança do dia do Senhor, oremos.
5. Pela humanidade que se empenha em progredir na justiça, pelos que sofrem e procuram alívio em Deus e pelos que morrem na esperança da ressurreição, oremos.
6. Pelos membros da nossa assembleia que procuram viver o verdadeiro sentido da fraternidade no convívio de uns com os outros, abertos à graça do Senhor que faz crescer na caridade, oremos.

Senhor, nosso Deus, que nos prometeis a paz e a felicidade, guardai-nos vigilantes na oração e atentos aos sinais anunciadores da vinda do vosso Filho Jesus Cristo. Ele que vive e reina por todos os séculos dos séculos.

Por Cristo, Senhor nosso.

ADMONIÇÃO FINAL

A Eucaristia que celebramos e este novo Ano Litúrgico que hoje iniciamos trazem-nos a boa notícia da presença e da acção de Deus em nós, na história humana, na criação. Fomos desafiados a levantar a cabeça, a ver diferente, a ver mais longe! O nosso Deus quer fortalecer-nos com a Sua Bênção e enviar-nos, para que nos sintamos instrumentos da Sua Paz.

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene do tempo de Advento (*Missal Romano*, p. 553).



CONSTITUIÇÃO DO XII CONSELHO PRESBITERAL DE BRAGA (CPB)

D. JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas

Aos que deste Decreto tiverem conhecimento, Saúde Paz e Bênção em Jesus Cristo Nosso Divino Salvador

Tendo o XI Conselho Presbiteral de Braga (CPB) cessado as suas funções, em razão de ter atingido o limite estatutário da sua duração (cf. estatuto do CPB. Artº 5º e cânone 501 §1);

Tornando-se necessário proceder a nova constituição deste órgão consultivo de relevante papel para a vida arquidiocesana, cânone 495 §1;

Efetuada as necessárias diligências: promovidos e realizados, nos círculos próprios, os atos eleitorais previstos pelo estatuto do CPB e cânone 497 do CIC;

Considerando a vantagem de se ter em conta a representatividade de todo o Presbitério da Arquidiocese (cf. Artº 7º § 2 e cânone 499);

Hei por bem declarar constituído, em conformidade com o capítulo III do Estatuto do CPB, com a norma do Direito (CIC), nos termos que se seguem, e declarar em suas legítimas funções a partir da presente data, o XII Conselho Presbiteral de Braga.

Membros natos (artº 8º)

D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, *Arcebispo Primaz (Presidente)*

D. Francisco José Villas-Boas Senra de Faria Coelho, *Bispo Auxiliar*

Cón. José Paulo Leite de Abreu, *Vigário Geral e Moderador da Cúria, Deão do Cabido da Catedral*

Cón. Valdemar Gonçalves, *Vigário Geral*

Cón. Manuel Fernando Sousa e Silva, *Vigário Judicial*

Padre Manuel Morujão, SJ, *Vigário Episcopal para a Vida Consagrada*

Cón. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, *Vigário Episcopal para a Educação Cristã*

Cón. Manuel Joaquim Fernandes da Costa, *Vigário Episcopal para a Liturgia*

Cón. Roberto Rosmaninho Mariz, *Vigário Episcopal para a Ação Sócio Caritativa*

Cón. Fernando Teixeira Alves Monteiro, *Ecónomo Geral da Arquidiocese*

Cón. Vítor José Novais, *Reitor do Seminário Conciliar*

Cón. Avelino Marques Amorim, *Diretor do Seminário Menor*

P.e Carlos Nuno Salgado Vaz, *Presidente do IDAC*

Membros eleitos (artº 9º)

Cón. Narciso Carneiro Fernandes, *Arciprestado de Amares*

P.e Tiago Martins de Barros, *Arciprestado de Barcelos*

P.e Manuel Joaquim Azevedo da Costa, *Arciprestado de Braga*

P.e Luís Eugénio Couto Baeta, *Arciprestado de Cabeceiras de Basto*

P.e António de Oliveira Gonçalves, *Arciprestado de Celorico de Basto*

P.e Armindo Patrão de Abreu, *Arciprestado de Esposende*

P.e Manuel Oliveira, *Arciprestado de Fafe*

P.e João Luís dos Santos Matos, *Arciprestado de Guimarães e Vizela*

P.e Salvador de Vasconcelos Mota, *Arciprestado de Póvoa de Lanhoso*

P.e Adelino da Costa e Sousa, *Arciprestado de Terras de Bouro*

P.e Luís Taborda da Silva Jácome, *Arciprestado de Vieira do Minho*

P.e Duarte Nuno Matos Rocha, *Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim*

P.e Francisco Miguel Fernandes Carreira, *Arciprestado de Vila Nova de Famalicão*

P.e António Fernando de Senra e Silva, *Arciprestado de Vila Verde*

P.e João Alberto Sousa Correia, *Faculdade de Teologia*

P.e João Paulo Coelho Alves, *Fraternidade Sacerdotal de Braga e Viana do Castelo*

P.e Jorge Amaro, IMC, *Clero Religioso*

P.e Eduardo Miranda Ferreira, CSSP, *Clero Religioso*

P.e José António Arantes de Andrade, *pelos Departamentos de Pastoral*

P.e Juvenal Francisco Ferreira Dias, *pelos Departamentos de Pastoral*

Membros nomeados (artº 7º § 2)

P.e Tiago André Fernandes Freitas

P.e António Luís Alves de Sousa

P.e Avelino Manuel Lima Castro

P.e Samuel Miranda Vilas Boas

P.e Rui Manuel Gomes Sousa

P.e Luís Gonzaga Marinho Teixeira da Silva

O presente Conselho Presbiteral, agora constituído, terá a sua primeira reunião (cânone 500 §1) no dia 23 de novembro de 2015. Nesta primeira Assembleia, de harmonia com os estatutos (Artº 21º), procederá à eleição do Conselho Permanente.

Este CPB tem a duração de cinco anos, mantendo-se, todavia, em funções até que seja constituído novo Conselho (cf. Artº 5º e cânone 501 §1).

Para memória se outorga o presente DECRETO, que fica registado na Cúria Arquiepiscopal.

Braga e Cúria Arquiepiscopal,
19 de novembro de 2015

AGENDA

21.11.2015

JANTAR SOLIDÁRIO

20h00 / Centro Social de Brufe

23.11.2015

SEMANA BÍBLICA

21h15 / Centro Pastoral de Santo Adrião (VNF)

28.11.2015

EXPOSIÇÃO "SINAIS DE FÉ"

16h00 / Espaço Mude (VNF)



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, D. Francisco Senra Coelho, Bispo Auxiliar de Braga.



Faça um Like



Siga-nos no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia), Flávia Barbosa
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt